



Sandra Lorenzon Schaffa*

Intimidade e diferença sexual: A propósito de um caso de intersexualidade**

Alex, jovem bonita de 15 anos nascida em Buenos Aires, vive com seus pais no Uruguai numa casa à beira-mar. Seu pai, Kraken, é pesquisador em biologia marinha. Um casal de amigos vem visitá-los acompanhado de seu filho Álvaro. Os dois adolescentes são tomados por uma grande atração que os levará à descoberta angustiada de suas diferenças.

Desde o início, uma atmosfera de indefinição se projeta em torno da sexualidade da protagonista. Em uma das primeiras cenas a vemos deitada lendo: “Em todos os vertebrados o sexo feminino é primário no sentido evolutivo e embriológico”.

No sítio paradisíaco em que se desenvolve a ação, entre hóspedes e família, uma tensão cresce. Compreendemos que a presença do pai de Álvaro, Ramiro, cirurgião plástico, deve-se ao interesse médico que esse representa no momento em que Alex se recusa a continuar tomando corticoides inibidores da masculinização do seu corpo. Alex porta uma mutação genética que a leva a possuir características dos dois sexos. Nesse contexto, a mudança da família para essa vila no litoral visava proteger a filha da indiscrição e do preconceito de seu grupo social de origem. A intenção de preservá-la não a protegeu, contudo, de viver sob a vigilância angustiada dos pais.

Alex: Você pensou no que eu disse?

Álvaro: Não vou fazer sexo com você.

Alex: Por quê?

Álvaro: Porque você é diferente e você sabe disso. Você não é normal.

Por que as pessoas te olham desse jeito? Por que todo o mundo te olha dessa maneira... O que é que você tem?

A relação sexual de Alex e Álvaro vai ser espiada por Kraken. A visão da cena relança o pai num mar de perplexidade: “Em cima”, conta ele à mulher, Suli. “Ela estava em cima... Metendo sua pica no cu do filho dos convidados”.

No filme, a hesitação encarnada pelo personagem de Ricardo Darín sob a direção de Lucía Puenzo (2007), conduz-nos ao coração do tema da diferença sexual. Este tema, que queremos discutir, colocou-se como o enigma fundamental e constitutivo do sujeito freudiano.

Contraopondo-se a Kraken, Ramiro é o homem da certeza. Aborda o real do sexo visando-o a partir da objetividade científica, sua concepção de real é diferente da que sustenta a psicanálise, quer dizer, de real do gozo submetido à linguagem. A essa articulação entre gozo e linguagem está especificamente dirigido o dispositivo analítico da escuta.

Para a psicanálise, a diferença dos sexos não é a diferença anatômica mesmo que, como dizia Freud, ela traga consequências psíquicas. A importância da anatomia na psicanálise é subvertida pela relação do sujeito com a linguagem.

A ambiguidade vivida por Alex, mesmo sendo complicada pela sua compleição anatômica, não se esgota no campo da ação médica. A incer-

teza de ser homem ou mulher, nenhum dos dois, ou ambos, é próprio das neuroses estudadas por Freud; histeria ou neurose obsessiva. Em termos lacanianos, poderíamos ainda acrescentar que a ambiguidade sexual pode ser Imaginária (tal como a moda atual põe em cena), Simbólica (como acontece na identificação de Dora ao significante da impotência de seu pai), Real (como no caso da convicção delirante de Schreber).

Geneviève Morel (2004), investigando clinicamente a ambiguidade sexual a partir de uma perspectiva laciana, atribui-lhe um estatuto fundamental na constituição do sujeito. Seus estudos levam-na a contestar o que poderia ser um “núcleo de identidade de gênero”, e em relação a esse as ambiguidades seriam secundárias, como postula a *gender theory*.

Ao contrário, assim como fez Lacan na sequência de Freud, somos guiados na clínica psicanalítica pelos avatares da pulsão mais do que pelas identificações para referenciar nossa escuta.

Freud postula não um núcleo identitário, mas um vazio no centro da constituição psicosexual do sujeito. Dessa maneira, não existe uma libido feminina, mas uma só libido masculina que instaura uma função fálica e um complexo de castração correspondendo a um vazio inevitável no centro da vida sexual dos dois sexos. Lacan o traduz em aforismas: “A mulher não existe”. “Não há relação sexual”.

Voltemos a Alex.

Seu jeito pouco feminino não impede que exerça ao máximo sua ação sedutora com Álvaro, de quem - de início - exige um presente, uma bijuteria. Alex dança para ele, oferece-lhe de presente um pingente com um chip que é colocado nas tartarugas marinhas para que possam ser rastreadas em alto mar. Finalmente, leva-o para o sótão da casa para concretar o ato sexual que lhe tinha proposto logo de início.

De que lado se colocará Alex? Lado homem, lado mulher?

Alex: O que é que você está fazendo?

Pai: Tomo conta de você.

Alex: Você não pode me cuidar sempre.

Pai: Só até que você possa escolher.

Alex: Escolher o quê?

Pai: O que você quiser.

Alex: E no caso de que não tenha nada para escolher?

Na revolta de Alex reconhecemos sua demanda de análise: “Não quero pílulas, nem cirurgias, nem troca de escola! Quero que tudo continue do mesmo jeito!”.

Alex se recusa a agir sobre seu corpo. Sua fala se coloca num campo de questionamento que só é possível elucidar através de uma escuta analítica.

Segundo Geneviève Morel (2004), a especificidade da abordagem analítica da sexuação compreende três tempos lógicos:

1. o tempo da diferença anatômica: real mítico: Alex, hermafrodita.
2. o tempo da interpretação pelo discurso social: Alex, “ela”, “minha filha”.
3. o tempo da sexuação, da escolha sexual: Alex, indecisa.

O termo freudiano *escolha* - escolha da neurose (*Neurosenwahl*), escolha de objeto (*Objektwahl*) - não deve ser concebido em sentido intelectual, supondo que entre as diferenças possíveis uma delas seria eleita; trata-se de uma expressão substitutiva de uma fantasia inconsciente na qual busca inscrição no que há de excessivo na organização pulsional do sujeito. No entanto, o termo *escolha* quer sublinhar “que um ato do sujeito é necessário para que os diferentes fatores históricos e constitucionais postos em evidência pela psicanálise ganhem sentido e valor motivacional” (Laplanche e Pontalis, 1967/1997, p. 63). O tempo da escolha sexual (não sem ambiguidade) supõe um trabalho de decantação que demanda tempo e participação do sujeito antes que possa afirmar sua posição sexual. Não se pode elucidar fora da prática psicanalítica. Fora dela, as intervenções no corpo baseadas na consideração de identificações de ordem imaginária expostas pelo discurso do sujeito, por vezes eloquentemente, poderiam desencadear consequências catastróficas.

Referências

- Laplanche, J. e Pontalis J.-B. (1997). *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1967).
- Morel, G. (2004). *Ambigüités sexuelles: Sexuation et psychose*. Paris: Anthropos.
- Puenzo, L., Morales, J. M. (produtores) e Puenzo, A. (diretora). (2007). *XXY* [produção cinematográfica]. Argentina, França, Espanha: Historias Cinematográficas Cinemania, Wanda Visión S. A., Pyramide Films.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

** Este trabalho foi apresentado no Congresso da IPA de 2017 (Espaço Lacan na IPA).